

reflexões sobre

**ARTE**visual

v.5 n.15 agosto 2024

# ***“A Ceia Olímpica”: Tolerância e Intolerância em debate.***

*Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO*



***Expediente:***

**Revista: Reflexões sobre Arte Visual**

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAALC/UFMS, 09/08/21

***Edição:***

Reflexões Vol.5, No.15, agosto 2024 – “*A Ceia Olímpica*”:  
Tolerância e Intolerância em debate.

*Periodicidade: quinzenal*

*Campo Grande - MS*

*Capa: foto oficial da performance divulgada pela organização da abertura da Olimpíada de Paris tratada digitalmente e invertida.*

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

*Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac\_camargo@hotmail.com*

**APRESENTAÇÃO**

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

*Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.*

Aproveitando os ânimos aquecidos pela abertura dos “*Jeux del la XXXIII Olympiade*” do tempo atual. É a trigésima terceira edição dos jogos Olímpicos de verão da era moderna iniciada em 1896. Paris sediou os jogos em 1900, 1924 e pela terceira vez, em 2024, cem anos depois. As Olimpíadas são comemoradas como marco esportivo e histórico tradicional, mas pelo lado da Arte Visual, não poderia deixar de abordar a polêmica que sucedeu ao evento de abertura em função de uma cena que fez referência a uma famosa obra de Arte. No contexto da Arte Visual é comum surgirem polêmicas e, sempre que surgem, pode-se falar à respeito.

Contudo, penso que, em se tratando de manifestações abertas e coletivas, é necessário ponderar sobre questões que surgem intencionalmente ou por acaso e acabam ocupando a mídia assumindo aspectos sensacionalistas. Não se pode ignorar que qualquer evento ou assunto que envolva aspectos humanos e sociais podem gerar pontos de vista divergentes a promovendo debates positivos ou negativos. O problema é que, boa parte deles, são embasados em opiniões e idiossincrasias e não em análises criteriosas. Neste caso, se tornam fogueiras de vaidades com muita gente disposta a jogar mais combustível no incêndio.

A abertura desta edição Olímpica é tida como uma das mais inovadoras e expressivas entre tantas que ocorreram ao longo dos anos, mas gerou uma polêmica em torno de uma representação performática parodiada da “*Última Ceia*” de Da Vinci, por um grupo de personagens LGBTQIAP+. Em protesto a Conferência Episcopal Francesa publicou um manifesto onde diz:

*“Pensamos em todos os cristãos de todos os continentes que foram feridos pelo excesso e pela provocação de certas cenas. Desejamos que eles compreendam que a celebração Olímpica vai muito além dos preconceitos ideológicos de alguns artistas”.*

No texto em questão há algumas palavras indutoras de opinião como: *ferir, provocar e preconceito*. Para não cair na armadilha, pode-se explanar um pouco mais o assunto para entender tal reação. Ao tomar por base a estrutura figurativa da disposição das pessoas à mesa, como similar à utilizada por Da Vinci na obra citada, parte do pressuposto de que tal uso induz exclusivamente àquela obra e, por isto, condena tal performance como uma provocação e escárnio ao catolicismo. Reagir a apelos ou provocações é um comportamento típico de grupos sectários que sempre veem algo nas entrelinhas.

Não convém ignorar que a forma adotada pela exposição da performance tenha, de fato, semelhança ao formato visual recorrente no campo das alegorias religiosas. No entanto, tal formato não surgiu com exclusividade ou apenas para este tema, mas como um recurso estético formal comum a várias obras de Arte que ocorreram ao longo do tempo. O conjunto de imagens que verão a seguir podem dar uma ideia de como tal formato é comum e não uma exclusividade religiosa. Vários artistas o utilizaram para tratar deste e outros temas. É um recurso formal e narrativo comum.

Uma configuração visual recorrente não se torna um significante (forma) capaz de conter apenas um significado (sentido), mas depende da circunstância e contexto. Neste sentido, talvez, o bispado tenha razão pode ser uma provocação, a questão é que ao tomar como provocação e reagir, abriu a “caixa de pandora” e, obviamente, a mídia sensacionalista aproveitou a oportunidade para instaurar a polêmica. Independente de haver ou não intenção na performance naquele evento, nem um nem outro lado se beneficia, quem ganha é a mídia que insufla tais acontecimentos e viraliza.



Esta imagem, divulgada pelas mídias de comunicação, compara uma foto da apresentação da performance e a disposição dos personagens da “Última Ceia” numa reprodução da obra de Leonardo da Vinci. Há certas coincidências entre as duas imagens, mas também há que se considerar que a reprodução da obra de Da Vinci é uma pintura bidimensional e a da performance é um *frame* retirado do registro de uma ocorrência tridimensional no decorrer do evento, ou seja, não foi o único ponto veiculado durante o evento, mas o que foi escolhido por ser o que mais se parecia com a obra citada. Disto se conclui que houve alguma intenção em provocar a polêmica.

O que pretendo destacar em relação à questão da similaridade entre as cenas: *Davinciana* e *Olimpiana* é o fato de que a composição formal de uma pintura não representa necessariamente um dogma, crença ou descrença, apenas que se apropria de um formato em busca de uma narrativa. Já que a organização espacial ou composição da obra, na tradição artística, não é exclusiva, proprietária ou pertinente a alguma obra ou artista. Não se pode dizer que usar um recurso visual impede alguém de retomá-lo. Isso é típico da Arte e, em especial, na Arte Contemporânea.

Levantei algumas imagens que recorrem ao tema da refeição/ceia/banquete, segundo distribuições de mobiliário, figuras, gestualidade e espacialidade no intuito de minimizar a ideia do senso comum de que a disposição adotada por Da Vinci, não é sacralizada nem pertence a uma ou outra religião, dogma ou credo, mas é uma Alegoria, uma escolha narrativa dedicada ao percurso do olhar e, no caso, do evento, está sendo gerado, documentado e reproduzido ao vivo. Neste caso, pode ser uma escolha ou coincidência, mas não uma afronta. Pelo menos em relação à cena.





“O banquete na floresta de pinheiros”, Sandro Botticelli, 1482. Perceba que a narrativa de Botticelli recorre ao desdobramento horizontal e linear da cena.





“*O banquete de casamento*”, Sandro Botticelli, 1483. A narrativa linear central e horizontalizada aparece novamente em outra obra de Botticelli.





Acima: “*Última Ceia*”, Leonardo da Vinci, 1495-98, Igreja de Santa Maria da Graça, Milão, recorre também a narrativa linear horizontal como as de Botticelli que foram realizadas antes de Da Vinci. Ao lado: foto do refeitório do Convento Dominicano no qual o afresco está localizado.







“Última Ceia” ou “O banquete na casa de Levi”, Paolo Veronese, 1573. Feita para o refeitório do Mosteiro dominicano de João e Paulo, em Veneza, recorre às mesmas estratégias narrativas das obras apresentadas anteriormente. A ceia de Cristo e os Apóstolos é acrescida de outros convivas e acontecimentos fortuitos dando conta de um evento comunitário e não apenas exclusivo de um grupo, e aqui, dada a “liberdade” narrativa do autor, ele foi confrontado pela inquisição católica...





“*Última Ceia*” Jacopo Tintoretto, 1592-94. Uma imagem mais recente do que a de Da Vinci. Aqui a organização da cena segue outra orientação espacial: um enfoque diagonal e em profundidade e uma versão completamente diferente da locação dos personagens..





“O Banquete”, Willian Hogarth, 1754-55. A disposição de pessoas à mesa segue as orientações convencionais, de narrativa linear horizontal.



“*O banquete*”, Dirck Hals, 1630? Também usa a mesma estratégia narrativa visual.





“O banquete de Cleópatra”, Giovanni Batista Tiepolo, 1743-44. O mesmo pode ser dito de Tiepolo, ao recorrer à mesma visualidade.

Espero ter conseguido mostrar que a estrutura formal para configuração espacial de obras de Arte utilizada pela pintura tradicional não corresponde a crenças ou valores éticos ou morais, é apenas um elemento estrutural. Ao adotar um parâmetro compositivo historicamente conhecido e altamente divulgado, não constitui uma base para tecer julgamentos de valor ou de crenças e condutas. Não parece ser um dado consistente para acusar alguém de provocar, ferir e agir preconceituosamente apenas com base num recurso formal conhecido mundialmente.

Mesmo que tenha sido intencional não sustenta nem garante a ideia de provocação, tampouco a intenção de ferir sentimentos ou crenças. A questão do preconceito, neste caso, parece ter sido invertida, já que são as personagens da cena performada pelas pessoas LGBTQIAP+ que tem sido habitualmente vítimas de preconceitos e não os católicos. Neste caso, converter vítimas em algozes é bem fácil, pois já se trata de segmentos, grupos ou pessoas que vem sofrendo assédio pela ascensão extremista que as discriminam por suas condições, estado ou orientação sexual.



Neste caso, me parece que o foco da polêmica não trata de ter ou não contrariado a alegoria religiosa da “*Última Ceia*” de Da Vinci, independente de ser apenas uma referência ou mesmo uma provocação, mas sim da atitude assumida por um grupo religioso usando uma performance, uma encenação alegórica, destinada ao entretenimento, para expressar seu desagrado contra um grupo acintosamente não conservador. Neste sentido, tal performance, não deve ser tomada como um modelo de ativismo artístico, mas como parte de um *show* para entretenimento e comemoração de um evento notadamente laico, não religioso.

Justificativas, cancelamento, pedidos de desculpas e perdões já foram manifestos tanto pelos organizadores do evento quanto de personagens que integraram tal performance. Se o interesse da crítica era este, atingiu seu objetivo em tornar algo laico numa polêmica religiosa. Por outro lado, não se pode dizer que a figuração ou os figurinos dos personagens performáticos não tenham recorrido à clichês e lugares comuns que revelam tendências sexualizada que vem se manifestando nas últimas décadas como um todo na sociedade e promovendo a normalização de atitudes como as mostradas no evento.

Nem tanto céu, nem tanto inferno...

No que diz respeito à atitude tomada pelo grupo religioso em questão, revela uma conduta, no mínimo, contraditória aos princípios fundamentais do Cristianismo que prezam o respeito à pessoa humana, a paz, o amor, a igualdade, a solidariedade e a tolerância. Neste sentido, ao adotar uma posição pública e explicitamente intolerante, submete uma religião milenar aos efeitos da mídia que não tem qualquer fim ou fundamento teológico, é apenas entretenimento, diversão.

Acredito que esta manifestação, endossada por outros núcleos religiosos, não tem respaldo na Santa Sé católica já que não houve, até o momento, qualquer pronunciamento neste sentido. Como cristão, não me senti agredido, ofendido, confrontado ou submetido a qualquer constrangimento que me levasse a um estado de incompreensão ou de revolta. Não são atos como uma performance artística ou entretenimento que vão colocar em xeque minha crença ou religiosidade. Me ofendem sim as iniquidades do mundo atual que desrespeitam a condição humana e natural.

Esclareço, outrossim, que este texto não tem finalidade apoiar ou condenar um ou outro lado, ao contrário, quer se afastar da tendência polarizadora instaurada nos tempos atuais que se comprazem em estimular os posicionamentos radicalizados e obliterar as visões conciliadoras. Nas condições atuais parece que os debates e decisões, sejam intelectuais ou pragmáticos, são tomados nos campos de batalha de onde só emergem vencedores e vencidos e não no ambiente da diplomacia em busca da conscientização, conciliação e da harmonia, tornando o ser humano cada vez mais desumano.

As posições tomadas nestas publicações partem de abordagens ou recortes no contexto da Arte Visual, justamente por ser meu campo de atuação profissional e que, conseqüentemente, orienta os pontos de vista aqui apresentados. No que diz respeito às imagens aqui utilizadas, elas foram selecionadas por mostrarem que uma configuração visual pode ser hegemônica pelo fato de vários autores recorrerem aos mesmos modos de organizar suas obras, mas isto não garante que todas elas signifiquem as mesmas coisas ou tenham o mesmo sentido.

Usar um modelo de estrutura formal, composição ou organização cênica não a torna portadora de religiosidade, sacralidade ou profissão de fé. Tampouco pode ser tida, *a priori*, como provocação, mas mesmo que tenha sido intencional, é um momento de exercitar a complacência e não a dissidência. O sectarismo e a radicalização são sempre negativos. É lamentável que um evento como este tenha atingido o ponto de conflito no qual chegou. Um acontecimento destinada à comemoração e entretenimento não deveria se tornar um “cavalo de batalha”, mas um momento de regozijo e alegrias.

A lição que resta é refletir sobre a necessidade de manter os ânimos focados na tolerância evitando a promoção da intolerância.

Pense nisto...